

**A formação para cargos de chefia no
jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes
Curriculares**

University degree for management positions
in Brazilian journalism and new Curriculum
Guidelines

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



PAULA MELANI ROCHA¹
GISELE BARÃO DA SILVA²

RESUMO

O artigo apresenta parte da discussão da pesquisa que estuda os cargos de chefia em dois jornais do Paraná. A presente reflexão aponta um distanciamento entre as transformações dos cargos de chefia no jornalismo brasileiro e a formação acadêmica do jornalista para ocupar tais postos em uma redação. A discussão teórica fundamenta-se em estudos do Jornalismo, traz um olhar sobre o jornal *Diário dos Campos* e a experiência em trabalhar cargos de chefia em projetos de extensão, com uma forma de contribuir para a formação do acadêmico em Jornalismo. Entre os resultados, a discussão propõe a inclusão de disciplinas que trabalhem com a formação em gestão e cargos de chefia nas novas grades curriculares para os cursos de Jornalismo que serão implantadas com das novas Diretrizes Curriculares, aprovadas em setembro de 2013.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Formação. Cargos de chefia. Diretrizes Curriculares.

ABSTRACT

This article presents part of the discussion of research that studies the management positions in two newspapers of Paraná. This reflection reveals a gap between the changes of management positions in Brazilian journalism and the university education of the journalist to fill these posts in a newspaper company. The theoretical discussion is based on studies of Journalism, brings a look at the *Diário dos Campos* newspaper and the experience of working in senior positions extension projects with a way to contribute to the formation of the academic in Journalism. Among the results, the discussion proposes the inclusion of disciplines working with training in management and leadership positions in the new curricula for journalism courses that will be implemented with the new Curriculum Guidelines, adopted in September 2013.

KEYWORDS

Journalism. Training. Management positions. Curriculum Guidelines.

Recebido em: 20/10/2014. Aceito em: 20/11/2014.

¹ Pós-doutora em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa (UFP). Doutora e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Professora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: pmrocha@uepg.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6167780482628027>.

² Mestranda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UEPG. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: giselebarao@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2415441253245442>.

1 O EDITOR NO JORNALISMO IMPRESSO

A emergência de cargos de chefia nas redações brasileiras desvinculados aos donos das empresas de comunicação está associada às transformações graduais que o jornalismo brasileiro perpassa entre o final da década de 1940 e a década de 1950. Esse período registra mudanças significativas na imprensa tradicional, que passa do modelo francês para o norte-americano (RIBEIRO, 1998). Essa influência se justifica, em parte, pela grande potência em que o país norte-americano se tornou no período pós-guerra, servindo de modelo para outros países em diversas áreas, como o jornalismo. O reflexo dessa influência se deu nas práticas de produção, com a adoção da pirâmide invertida, do *lead*, do *ombudsman*, no uso da pauta, na padronização gráfica de manchetes e títulos (ROMANCINI; LAGO, 2007). Várias reformas buscaram superar a fase do jornalismo predominantemente opinativo para um jornalismo informativo.

Já na década de 1930, surge no Brasil o cargo de editor chefe. Na mesma época, as redações brasileiras fazem a divisão em editorias, estruturação que começou nos Estados Unidos, em 1880. As transformações no jornalismo brasileiro em sua modernização são creditadas à adoção de novos métodos de organização e gestão das empresas, e aos novos donos dos jornais, que em alguns casos, contrataram profissionais para administrar a empresa substituindo o próprio dono, como era comum até os anos 1970 (ABREU, 2002). Como pontuam Berger e Marocco:

É difícil marcar os limites da rotina de edição. As múltiplas posições que o editor ocupa na hierarquia de uma empresa jornalística percorrem a história dos jornais. Até meados do século XX, editor e dono do jornal eram quase sempre o mesmo sujeito. Com a cristalização das redações e a posterior fragmentação do jornal em editorias, o editor passou a responder por áreas especializadas, a tarefa simplificada cede lugar à tarefa complexa, aparece a figura proeminente do editor-chefe, dos secretários de redação e do diretor da redação, enquanto a propriedade dos veículos será atributo de uma diretoria, que se ocupa mais da gestão do negócio do que se envolve com o cotidiano miúdo da redação. (2006, p. 18).

Reformas realizadas em jornais como *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil (JB)* e *Última Hora* influenciaram toda a imprensa brasileira. Não só a estrutura de trabalho mudou nesse processo, mas também o perfil dos jornalistas, que até os anos 1970 possuíam uma visão romântica da profissão. Com a mudança, eles

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

passam a ter um entendimento pragmático do mercado, o que alterou a forma de ver os fatos e pensar a profissão, inclusive entre os profissionais que ocupam posições estratégicas na empresa.

Os atuais diretores de redação, chefes de editorias e de sucursais, iniciaram a vida profissional nos anos 70 e 80, e em geral têm formação universitária em jornalismo, ciências sociais ou história. Os jornalistas que ocupavam essas mesmas posições até a década de 1970, e que haviam iniciado a carreira no pós-guerra ou durante os anos 50, hoje são colunistas de prestígio ou ocupam cargos especiais, mas não detêm posição de direção. Entre os que têm formação superior, predomina o curso de direito. Mas há um contingente expressivo de grandes jornalistas sem curso superior ou sequer o secundário completo. A escola desses jornalistas foi o próprio jornal. (ABREU, 2002 p. 39).

166 | Beltrão (1960) coloca o editor sob uma ótica de desenvolvimento histórico do próprio jornalismo. O autor tem uma concepção desse profissional mais ligada ao empresariado e à realização material. O estabelecimento do editor como uma figura de características próprias e independente dos demais agentes estaria relacionada à evolução das técnicas de produção do jornalismo, nos processos de difusão, o que garantiu maior investimento na manutenção dos veículos.

Ao editor, na perspectiva de Erbolato (1985), cabe prever as reportagens que serão publicadas, calcular o espaço que cada uma terá. "Diariamente, há reunião dos Editores, com o Editor Geral, depois de a Administração informar o número de páginas da edição e o total de anúncios." (ERBOLATO, 1985, p. 193). Travancas define o editor como um chefe de editoria, "responsável pelas matérias publicadas e o espaço a elas destinado." (TRAVANCAS, 1992, p. 25).

No entanto, as atribuições do editor enquanto cargo de chefia foram se transfigurando ao longo do final do século XX e início do século XXI. Medina (1988) explica que uma das primeiras funções nesse cargo é determinar os temas a serem cobertos e coordenar a equipe de repórteres do seu setor. Assim, ele substitui o pauteiro. Mesmo que o editor receba sugestões dos repórteres, a decisão sobre a viabilidade das matérias ainda é dele.

Em pesquisa realizada com editores paulistas, Essensfelder (2012) relata que a rotina desses profissionais nas redações começa entre o meio dia e às 14 horas. conforme a área de atuação, e segue até as 22 ou 24 horas. Essa rotina

inclui reuniões para definir as prioridades do dia, contatos com fontes, com os superiores, reuniões para definir o que será publicado, além de tirar dúvidas de repórteres e editar os textos, fazer títulos e fotos apropriados e, eventualmente, chamadas de capa (ESSENFELDER, 2012). Em entrevistas realizadas com profissionais da área, o autor notou que as atribuições gerenciais apareciam com frequência nas definições do cargo, embora estes continuassem creditando maior valor ao entendimento dos valores-notícia.

O presente artigo é parte da pesquisa *A formação dos jornalistas que desempenham função de edição no Diário dos Campos e na Gazeta do Povo*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e que tem como objetivo discutir a descontinuidade entre as transformações dos cargos de chefia em uma redação e a formação acadêmica do futuro profissional para desempenhar tais postos. A reflexão perpassa as transformações do cargo de chefia também nos jornais de porte menor, aponta a incipiente experiência do curso de Jornalismo da UEPG em tentar trabalhar essa formação nos projetos de extensão e a necessidade em implantar disciplinas específicas na graduação em consonância com o conteúdo das novas Diretrizes Curriculares para o curso de Jornalismo.

|167

2 AS TRANSFORMAÇÕES NO CARGO DE EDITOR: O CASO DO JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS

O *Diário dos Campos (DC)* é considerado o jornal mais antigo de Ponta Grossa, Paraná, com a ressalva de ter ficado quase uma década sem veicular, a partir de 1990. Após uma crise financeira que assombrou o veículo na década de 1980, sem equipamentos adequados para impressão e utilizando linotipos ultrapassados, o Grupo Slaviero, então proprietário do impresso, decide encerrar a circulação em 18 de setembro de 1990.

Uma das razões para encerrar a publicação era o sucateamento do parque gráfico. Os linotipos já não eram padrão na produção dos jornais, mesmo no interior do estado no final do século XX, quando passou a se usar o *offset*. A montagem e paginação já haviam se modernizado e o DC não conseguiu acompanhar. Com o sistema antigo, passavam muitos erros na revisão. Além disso, o chumbo, o estanho para as caldeiras e as letras para a

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

montagem das manchetes estavam escassos. A incompatibilidade técnica com o modelo técnico dos anúncios fez o jornal perder gradativamente o número de publicidade nas páginas. Nesse período, o chefe de redação era Altair Bail (BUCHOLDZ, 2007).

Em 1999, o empresário Wilson Souza de Oliveira assume o DC, em uma parceria com o jornal Tribuna do Norte, de Apucarana, e convida a jornalista Alessandra Bucholdz, então repórter da sucursal da Gazeta do Povo em Ponta Grossa, para ser editora-chefe do novo empreendimento. Com a ajuda de Wilson, a jornalista ficou responsável por reunir uma nova equipe de jornalismo. O jornal volta a circular em 15 de setembro de 1999, aniversário de Ponta Grossa, com uma edição que trazia um caderno especial sobre a história do DC (BUCHOLDZ, 2013).

Com mais recursos financeiros, a redação do jornal ficou entre as mais modernas do interior do Paraná, com sede na Rua XV de Novembro, número 615, um dos principais pontos da cidade. O jornal era montado em Ponta Grossa e transmitido para a gráfica em Apucarana via *Frame Relay*. A informatização em *Macintosh* dos terminais da redação e da montagem, em substituição aos linotipos, representavam um diferencial.

A equipe do DC, em 1999, incluía um revisor, formado em Letras, que fazia apenas a revisão ortográfica, três diagramadores, sem formação em Jornalismo, uma editora-chefe, um secretário de redação, um editor de *Cidades*, além sete repórteres, formados em Jornalismo. O editor ajudava a coordenar a equipe de *Cidades*, composta por dois repórteres, uma editoria com maior volume de matérias e páginas do jornal. Ele fazia a edição das matérias e ajudava a pautar. Eventualmente, também escrevia (BUCHOLDZ, 2013).

A editora-chefe participava de reunião de pauta, de maneira mais próxima, com as demais editorias, fazia editoriais, fechamento de capa e definição de manchete. O secretário de redação também era repórter de política. Por isso, não se dedicava integralmente ao cargo de chefia, segundo os relatos da então editora-chefe. Ele discutia com a editora-chefe sobre a manchete e a capa do jornal. Também respondia por ela na sua ausência. Assim como o modelo atual de organização, cada repórter era responsável por uma editoria – *Cidades, Política, Economia, Polícia, Esporte, Social e Variedades*. Em

1990, não havia separação por editorias nomeadas, exceto a *Social*. O levantamento realizado em edições da época aponta que os assuntos presentes nas páginas do início da década eram opinião, prefeitura, variedades, poesia, esporte, social, política e polícia. A então editora-chefe defendeu a organização do trabalho com um repórter responsável por cada editoria.

A gente discutiu muito esse modelo. Mas aí você cria laços com a fonte, entendeu? Repórter de economia passa a entender mais de conceito, jargão econômico. Se você mistura, você não consegue especializar o jornalista. [...] A gente achou mais produtivo para o jornal, para o jornalista, a questão da especialização no setor. (BUCHOLDZ, 2013).³

A modernização do jornal exigiu que os jornalistas se preparassem. No DC, os novos repórteres foram treinados para trabalhar com os computadores. Hábitos anteriormente comuns nas redações, como fumar, precisaram ser abolidos, para não prejudicar os equipamentos.

FIGURA 1 – ORGANOGRAMA DO *DIÁRIO DOS CAMPOS* EM 1999



Fonte: As autoras.

O que se verificou no DC é que os cargos vão desaparecendo com o tempo, até chegar ao organograma atual, com apenas um cargo de chefia do jornalismo. Ou seja, de quatro cargos responsáveis pelo produto final (editor-chefe, secretário de redação, editor e revisor), restou um. Segundo Alessandra Bucholdz, o desaparecimento dos cargos decorreu de cortes financeiros na empresa, por não atingir o faturamento esperado. Após a saída do profissional do cargo, seja por demissão ou remanejamento, não havia reposição.

³ Entrevista concedida às autoras, em 27 de setembro de 2013.

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

Quando sai o cargo de revisor, o jornal perdeu no sentido de não ter mais um processo de revisão tão cauteloso. Então o repórter escrevia e ia para o jornal o que ele escrevia. Eu acho que o jornal perde em qualidade, no sentido de que não passa mais pelo funil de outro profissional, já que era uma revisão de língua portuguesa. Então, conseqüentemente, a peneira acaba não tão fechada. (BUCHOLDZ, 2013).

Quando Alessandra saiu do jornal, o então secretário de redação assume o cargo de editor-chefe, e nenhum jornalista é colocado em seu lugar, eliminando-se o cargo de secretário de redação. Por fim, quando o editor sai do jornal, ainda em 1999, seu cargo também não é repostado. Em 2013, o único cargo de chefia no jornalismo na redação do DC é o chefe de redação. Pode-se dizer que o profissional editor, entendido aqui como chefe de um setor da redação, existiu no *Diário dos Campos* até 1999. Posteriormente, os demais profissionais na chefia exerceram a sua função. Outra constatação é que na gestão dos chefes atuais o número de repórteres caiu de oito para seis.

170 |

FIGURA 2 – ORGANOGRAMA ATUAL DO *DIÁRIO DOS CAMPOS*



Fonte: As autoras.

O organograma do *Diário dos Campos* tem apenas dois profissionais em função de chefia. Um diretor de redação – que não possui formação em Jornalismo –, e um jornalista, responsável pelo gerenciamento da produção jornalística. Com essa estrutura mais enxuta, quem ocupa o cargo de chefe de redação acaba acumulando algumas funções durante o processo de produção do jornal, é o profissional que realiza o trabalho de edição.

Algumas das mais recentes alterações no processo de produção no DC se devem à revisão das horas de trabalho dos jornalistas. A jornada de trabalho

de cinco horas, cumprida rigorosamente a partir de 2013, tirou dos repórteres parte da responsabilidade pelo fechamento final da página, por exemplo, além de trazer outras mudanças: para tentar deixar o trabalho mais prático, o DC extinguiu as reuniões de pauta – retomadas pelo chefe de redação que exerceu o cargo até maio de 2014. O chefe apenas anota as pautas apontadas pelo repórter e oferece sugestões de enquadramento e fontes. Além disso, a repórter da editoria *Geral* também exerce funções de edição, contribuindo com o fechamento de algumas páginas.

No DC, também, cabe ao jornalista que ocupa o cargo de chefe de redação selecionar o conteúdo da página de opinião: escrever o editorial, separar os recados para o espaço do leitor, artigos de opinião e a foto do espaço *Flagra*, que registra algum acontecimento inusitado do dia. Esse espaço pode receber material dos fotógrafos ou dos próprios leitores. Essa estrutura *enxuta* pode ser entendida como processo dos últimos 15 anos. Se, em 1999, o DC estava com 12 jornalistas, considerando oito repórteres e quatro chefes, hoje tem sete - seis repórteres e apenas um chefe.

3 A FORMAÇÃO EM CARGOS DE CHEFIA NO CURSO DE JORNALISMO DA UEPG

Medistch (1997) coloca a dicotomia entre teoria-prática como um dos desafios da pesquisa em Jornalismo, situando essa separação nos anos 1970. Mas a ideia de um comunicador mais abrangente perdeu força com as questões reforçadas pela prática profissional e que tinham poucas reflexões a respeito.

A redação de 2001 das Diretrizes Curriculares, que orientava os cursos de Jornalismo até 2014, não mencionava, ao definir a competência e a habilidade do egresso, o desempenho de funções em postos de chefia. Isso acabou refletindo nos projetos pedagógicos que não tiveram como referência obrigatória a inserção de disciplinas com conteúdo sobre gestão ou mesmo funções de chefia. No entanto, como mostrado acima, no caso do DC, as funções, atribuições e competências dos postos de chefia se alteraram nos últimos 20 anos.

Nesse sentido, a grade curricular do curso de Jornalismo da UEPG, em vigor de 2005 a 2014, não contempla uma disciplina específica que trate em seu

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

conteúdo os saberes envolvidos nos cargos de chefia de uma redação ou empresa de competência jornalística. Tal conhecimento é desenvolvido, ainda de forma incipiente, nos projetos laboratoriais e de extensão. Embora contribua pontualmente para a formação do futuro profissional, é considerada insuficiente, pois não consegue dar conta do conhecimento e competência exigidos no “saber da ação” (FIDALGO, 2008, p. 8) desenvolvido basicamente durante a rotina jornalística, pressionado por dois elementos fundamentais no jornalismo: tempo e espaço.

Entre os sete projetos e programa de extensão⁴ desenvolvidos no curso, dois trazem organogramas com cargos diferenciados, a *Agência de Jornalismo* e o programa televisivo *Ade!*. A *Agência de Jornalismo* divide-se em quatro setores de atividades: impressos, audiovisual, arquivo digital, plataforma web e comunicação organizacional. Para centralizar toda a produção foi criado o cargo de gestor, desempenhado por uma aluna bolsista. Contudo, após o término da sua bolsa, o programa não conseguiu dar continuidade à manutenção do posto da forma que vinha sendo gestado, pois o desempenho da atividade estava mais atrelado à capacidade da bolsista em gestar do que ao conhecimento dos discentes adquiridos nas disciplinas em curso.

172 |

No projeto do programa *Ade!* o resultado também não foi diferente, no entanto foram implantadas diferentes tentativas. Criado em 2010, a princípio como um braço da *Agência de Jornalismo*, em 2011, o *Ade!* torna-se um projeto de extensão independente. Desde então, ele conta com três professores, sendo um coordenador e dois supervisores.⁵ A proposta era oferecer aos alunos do curso a oportunidade de experimentar uma produção televisiva, abordando temas culturais e regionais, sempre voltado para um público jovem. Inicialmente, o *Ade!* atendia aos alunos de terceiro e quarto anos que já tinham algum domínio técnico e teórico das ferramentas e conceitos necessários à produção televisiva. Nessa fase, participavam do projeto 21 alunos, os quais dividiam as funções de repórter, repórter cinegrafista, produtor e editor.

⁴ Os projetos desenvolvidos são: *Cultura Plural*, *Portal Comunitário*, *Lente Quente*, *Rádio Web*, *Programa Ade!* e *Foca Foto*. Além do programa de extensão *Agência de Jornalismo*.

⁵ No início, participavam a professora Paula Melani Rocha, como coordenadora, o professor Carlos Alberto de Souza como supervisor e o professor Sérgio Luiz Gadini também como supervisor. A partir de 2012, o professor Sérgio Luiz Gadini sai do projeto. Em seu lugar, em 2013, entra a professora Ofélia Morales que, em 2014, foi substituída pela professora Camilla Tavares.

Trabalhavam em trio e rodavam as funções a cada programa. O produtor/pauteiro acumulava a função de cinegrafista. A periodicidade era quinzenal e cada edição contava em média com 30 minutos de produção. A apresentação era feita por dois alunos, sempre alternando também. Os rodízios eram propositais, para que cada aluno vivenciasse as competências das diferentes funções, no entanto nenhum dos participantes ocupava postos de gestão. Toda a produção do *Ade!* é veiculada na *TV Comunitária de Ponta Grossa (TVCOMP G)*, atualmente, canal 17 na televisão à cabo.

Em 2012, o projeto consegue uma bolsa de extensão para um dos participantes. A partir desse momento, o *Ade!* passou a contar com um editor de fechamento fixo. Ainda nesse ano, ingressa uma nova turma de alunos, a princípio com nove estudantes e, posteriormente, chegam a 13, sendo três do primeiro e o restante do terceiro ano do curso. Os dois alunos do primeiro ano tinham noções sobre técnicas de filmagem e edição. Eles dividiram-se em quatro trios, que produziam quinzenalmente de um a dois vídeos tapes (VT's), os quais compunham uma edição do programa. As funções de cada um do trio seguiam as mesmas dos anos anteriores: repórter, repórter cinematográfico que também exercia a função de produtor (pauteiro) e editor. O editor era responsável apenas pela edição do material produzido pela equipe de reportagem. Além dos trios, como foi mencionado, tinha o aluno estagiário que fechava o programa, junto com a coordenadora do projeto. Nessa etapa, além dos VT's produzidos pelos alunos, o programa contava também com quadros fixos.

Durante os primeiros anos do projeto, de 2010 a 2012, a rotina era sempre a mesma: reunião de pauta e discussão do encaminhamento; entrega das pautas; produção e edição dos VT's; entrega para o editor de fechamento e professor analisar o material produzido e indicar correções; redação das cabeças; gravação e entrega para veiculação na *TVCOMP G*. Todas as funções passavam por rodízio, inclusive o editor de fechamento que normalmente era um dos apresentadores do programa. Desde 2011, todos os programas

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

passaram a ser postados no *Youtube*,⁶ além de veiculados na TV. Em 2013, criou-se a página do *Facebook*⁷ na qual são postadas as edições.

Em 2013, o projeto consegue três estagiários com bolsa. Além disso, com o ingresso da professora Ofélia Morales, toda a proposta passou por reformulação. Saíram os quadros e entrou o bloco *Cidadania*, que contava com uma equipe separada além de dois estagiários com bolsa. O quadro sempre entrava no último bloco e trazia um VT e um debate. A rotina jornalística era a mesma, mas o programa passou a ser mensal, pois exigia uma produção maior. Aumentou também o número de participantes, no quadro de cidadania eram cinco e os outros 17 produziam os VT's dos dois primeiros blocos. O tempo dos VT's foi reduzido para dois minutos no máximo e cada bloco contava com três VT's em média. Os estagiários faziam parte do rodízio e das equipes, mantendo o organograma original. Além disso, um estagiário acumulava a função de editor de fechamento. No segundo semestre de 2013, o estagiário passou a ser apenas o editor-chefe e uma estagiária passou a editora de fechamento do programa, a qual era responsável pela redação das cabeças dos VT's, sempre com a supervisão da coordenadora. O organograma desenhou-se da seguinte forma:

174

FIGURA 3 – ORGANOGRAMA UTILIZADO PELA EQUIPE EM 2013



Fonte: As autoras.

A professora coordenadora do bloco *Cidadania* sempre acompanhou a produção de todo conteúdo e atuava como editora de fechamento, auxiliando os dois editores. As funções passavam por rodízio a cada edição. Outro

⁶ Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=jUCHIgPN0eA>.

⁷ Disponível em: <www.facebook.com/ProgramaAde?fref=tse>.

diferencial é que o debate contava com três câmeras. Apesar do ingresso dos estagiários bolsistas, durante os quatro anos de projeto (2010 a 2013), os cargos de chefia eram revezados. Mesmo com a implantação da editora de fechamento e editor-chefe, que atuavam na etapa final, montagem dos blocos, espelho do programa e redação das cabeças, o grupo, de certa forma, não percebia uma escala hierárquica, pois não tinham que responder diretamente aos estagiários.

Em 2014,⁸ após uma reunião com a equipe, que passou a ser composta por 17 alunos do segundo, terceiro e quarto ano, sendo cinco estagiários com bolsa, decidiu-se em reduzir o tempo de produção para 20 minutos e trabalhar com reportagens, VT's mais longos, em média de cinco minutos cada. Buscou possibilitar aos alunos a produção de reportagens, contextualizando os temas, com um número maior de entrevistas em busca de uma pluralidade de fontes e maior captação externa.

Definiu-se, também, um organograma mais próximo da realidade das redações de audiovisual que atuam no mercado, justamente com o intuito de oferecer a bagagem da estrutura de uma redação aos alunos, lembrando que o jornalismo audiovisual normalmente envolve um trabalho de equipe e que, por sua vez, também, depara-se com diferentes cargos e competências em uma redação. Os alunos, por um lado, teriam a oportunidade de aprender a relação com os postos de chefia e, por outro lado, aprenderiam suas competências e conhecimento na atividade prática. Os cinco estagiários bolsistas foram inseridos em pontos estratégicos de chefia: editor-chefe, chefe de redação, chefe de reportagem, editor de fechamento e supervisor de reportagem. Esses cargos também eram alternados em cada edição pelos estagiários, para que vivenciassem os diferentes cargos e suas atribuições. Os 12 alunos que fazem parte do projeto foram divididos em: produção, reportagem (repórter e repórter cinematográfico) e edição. Há um rodízio entre as funções, ou seja, quem foi produção em uma edição, na próxima seria repórter, o repórter passaria a ser o repórter cinematográfico que por sua vez viraria editor. Assim eles teriam a oportunidade de experimentar cada etapa e suas atribuições. O estagiário passou a ser responsável por cada grupo de funções. Cada estagiário tinha que

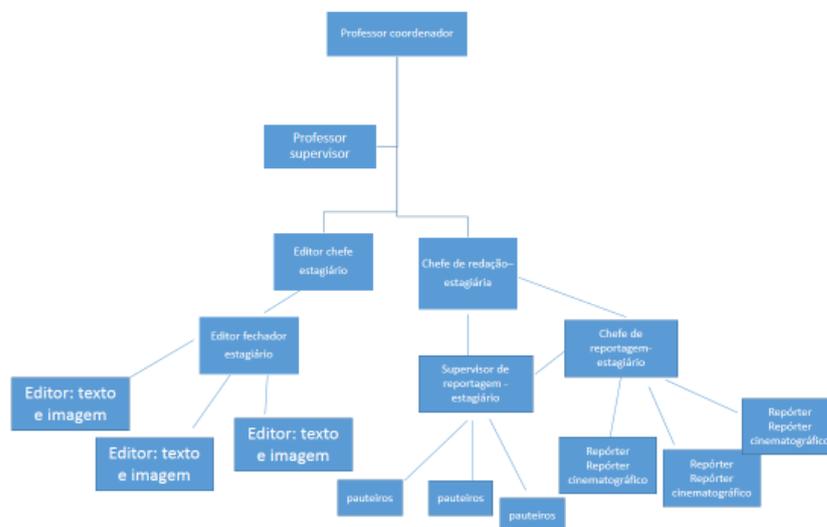
⁸ A partir de 2014 a professora Ofélia Morales deixa de participar do projeto e o bloco *Cidadania* foi encerrado.

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

apresentar a um professor do projeto as etapas de produção, para verificar se o material deveria ou não ser corrigido. Assim, os pauteiros tinham um prazo para apresentar a pauta após a reunião. Essa era entregue ao supervisor de reportagem que corrigia junto com o professor. Os pedidos de alterações eram entregues pelo supervisor aos pauteiros. Após os ajustes, passavam para os repórteres. O chefe de reportagem acompanhava a entrega do VT e cobrava *dead line* e qualidade do material produzido. Após concluída essa etapa, os editores finalizavam os VT's e entregavam para o editor de fechamento que junto com um dos professores verificava se o material precisava ou não voltar para a edição. O editor de fechamento escrevia as cabeças que eram vistas pelo chefe de redação e editor-chefe. Esse último colocava o Gerador de Caracteres (GC) e finalizava o programa. O chefe de redação, por sua vez, agendava o estúdio e participava da gravação. As apresentações passaram a ser feitas por um aluno apenas e continuavam a ser feitas de forma alternada pelos participantes do projeto. Os estagiários atuavam também como câmera na gravação da apresentação. O desenho do organograma passou a ser o da Figura 4.

176

FIGURA 4 – ORGANOGrama UTILIZADO PELA EQUIPE NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2014



Fonte: Ade!.

Tal esquema só funcionou durante cinco edições. Os alunos não se adaptaram aos cargos e suas atribuições. Primeiro, as pautas começaram a cair, o repórter não aceitava as pautas elaboradas pelos produtores. Eles queriam

fazer suas próprias pautas. Os repórteres, em grande parte, passavam o VT direto ao editor, ignorando o chefe de reportagem. O material que chegava para o editor de fechamento era diferente do que tinha sido idealizado na reunião de pauta. Embora esse seja um conflito presente nas redações, entre pauteiro e repórter e, também, repórter e chefe de reportagem, os alunos desconheciam o papel de cada um deles, pois não receberam este conhecimento de forma sistemática em sala de aula. A rotina das reuniões de pauta também teve que ser alterada na tentativa de sanar as dúvidas sobre encaminhamento. No início de 2014, participavam os estagiários e pauteiros/produção. Depois passou a incluir também repórteres para entenderem melhor o que a pauta iria pedir. Mas, nem assim, conseguiu-se fazer com que os alunos vislumbrassem a divisão do trabalho em equipe e sua hierarquia. De certa forma, acabou prejudicando também o desempenho dos postos de chefia, pois sem material não conseguiam ver a qualidade da produção e muito menos testar a tomada de decisões exigidas em determinados cargos.

A alternativa encontrada pelo grupo para sanar o problema da produção e qualidade do projeto foi a criação de um modelo alternativo, mas estanque do que sobrevive no mercado. Definiu-se a volta da formação de equipes (produtor/cinegrafista, repórter e editor), com um estagiário responsável, como funções acumuladas de chefe de reportagem e editor chefe. Ele verifica a pauta, o VT e a edição, sempre em contato com o professor, para a discussão da qualidade, acertos e erros. Três estagiários são responsáveis por três equipes. Um estagiário é o editor de fechamento (redige as cabeças, verifica o material produzido, corta o que precisar, verifica os VT's junto com o coordenador do projeto) e o outro é o editor-chefe (inclusão de GC's, finalização e entrega para circulação). Foi uma volta ao modelo de 2010, com o diferencial de ter o estagiário gestando a equipe.

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

FIGURA 5 – ORGANOGRAMA UTILIZADO PELA EQUIPE A PARTIR DE JUNHO DE 2014



Fonte: *Ade!*.

O atual modelo, presente nas duas últimas edições do programa, apresentou mais eficácia, embora não propicie a complexidade das relações em uma redação, nem tampouco dos cargos de gestão, suas competências e conhecimento. A sistematização da rotina produtiva propicia ao acadêmico que está na função seja de pauteiro, repórter, repórter cinematográfico, editor, editor-chefe, editor de fechamento e chefe de redação, a tomada de decisões e procedimentos necessários para a produção jornalística. O interessante do organograma é a inclusão dos postos de chefia, envolvendo os alunos estagiários, mesmo ainda de forma incipiente. Todas as experiências dos organogramas com cargos hierárquicos buscavam justamente insistir em trabalhar os postos de chefia, suas competências e conhecimento que na atual grade do curso não são contemplados por uma disciplina específica. Os alunos ficam distantes da realidade, sem a vivência prática e os constrangimentos que a rotina jornalística propicia no seu dia a dia, exigindo a tomada de decisões para que o produto jornalístico ocorra com êxito. Contudo, trabalhar apenas nos projetos de extensão soa como algo isolado e distante do conhecimento teórico. Como aponta Fidalgo (2008) é na prática que se percebe a necessidade de pensar e tomar decisões. Apesar de a rotina jornalística partir de uma situação pensada e elaborada, os imprevistos fazem parte da gênese do jornalismo e cabe a cada cargo de gestão a capacidade de resolvê-lo. Porém, em parte por falta de conhecimento, os alunos não dão conta de perceberem o papel de cada cargo na rotina produtiva e nem de entender e adequar à sua dinâmica.

A aprovação das Novas Diretrizes Curriculares, em setembro de 2013, instalou o debate sobre a necessidade de criar disciplinas que dessem conta dessa técnica jornalística. O documento aponta que a elaboração do projeto pedagógico no curso de Jornalismo deve “estar focado teórica e tecnicamente na especificidade do jornalismo, com grande atenção à prática profissional” (2009, p. 16). No eixo de formação profissional, o documento aponta a necessidade de:

embasar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes **com o universo dos processos de gestão**, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e **edição jornalística**, fomentando a investigação dos acontecimentos relatados pelas fontes, bem com a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, como os gêneros e os formatos jornalísticos, instituídos, as novas tecnologias, retóricas e argumentativas. (DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE JORNALISMO, 2009, p. 21, grifos nossos).

Assim, em consonância com as novas diretrizes, com as transformações do mercado e a necessidade em trabalhar com o alunado as relações profissionais bem como o conhecimento e competência dos cargos de chefia, a proposta do debate apresentado é inserir nos cursos de graduação em Jornalismo disciplinas com conteúdo sobre os cargos de gestão no processo de produção jornalística, considerando ainda o fato de que estes estão sendo ocupados por profissionais mais novos e com pouca vivência em uma redação.

3 CONSIDERAÇÕES

O conjunto de dados e revisão bibliográfica apresentados nesta pesquisa corrobora com a ideia de que o cargo de editor sofreu alterações ao longo da história do jornalismo. Conforme se expôs, a partir da recuperação dos autores, o cargo é uma das características da modernização da imprensa brasileira e tem papel fundamental no tratamento do conteúdo informativo. No entanto, aspectos de crise e da própria transformação do jornalismo reconfiguraram a presença e trabalho desse profissional nas redações. A história recente do jornal *Diário dos Campos* mostra como a reconfiguração da redação, que resultou na redução no número de cargos e profissionais, modificou a função de edição no jornal. Da mesma forma, a experiência de reformulações no organograma do

A formação para cargos de chefia no jornalismo brasileiro e as novas Diretrizes Curriculares

projeto *Ade!*, do curso de Jornalismo da UEPG, ajudam a alimentar o discurso da necessidade de se incluir disciplinas, produção jornalística nos cursos de graduação, a partir do que está previsto nas competências das Diretrizes Curriculares para os cursos de Jornalismo.

Repensar o modelo de ensino nos cursos da área é demonstrar interesse em manter o diálogo entre as práticas jornalísticas e o debate acadêmico sobre o desenvolvimento da profissão. 

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1960.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866>. Acesso em: 19 out. 2014.

180 |

BUCHOLDZ, Alessandra Perrinchelli. **Diário dos Campos**: memórias de um jornal centenário. Editora UEPG, 2007.

_____. **A modernização do Diário dos Campos** [set. 2013]. Entrevistadora: Gisele Barão da Silva. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. Redação, captação e edição no jornal diário. Petrópolis: Vozes, 1985.

ESSENFELDER, Renato. **O editor e seus labirintos**: reflexos da crise de paradigmas do jornal impresso. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FIDALGO, Joaquim. Jornalistas e saberes profissionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2008.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. A dupla falta do editor de jornal, nos livros e cursos de Jornalismo. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana (Orgs.). **Edição em Jornalismo**. Ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1997.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

ROCHA, Paula Melani; **SILVA**, Gisele Barão da

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalista**: 1937-1997. História da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1992.